

José Craveirinha: nota biobibliográfica*

* Preparada por Nataniel Ngomane

José João Craveirinha nasceu a 28 de Maio de 1922, no bairro pobre de Xipamanine, subúrbio de Lourenço Marques – hoje Maputo –, capital de Moçambique. Mestiço, é filho de pai branco português, algarvio, e mãe negra moçambicana, ronga. Avesso a falar de si, Craveirinha fez, no entanto, um curto depoimento autobiográfico em Janeiro de 1977:

Nasci a primeira vez em 28 de Maio de 1922. Isto num domingo. Chamarão-me Sontinho, diminutivo de Sonto [que significa *domingo* em ronga, língua da capital]. Pela parte de minha mãe, claro. Por parte do meu pai fiquei José. Aonde? Na Av. do Zichacha entre o Alto Maé e como quem vai para o Xipamanine. Bairros de quem? Bairros de pobres.

Nasci a segunda vez quando me fizeram descobrir que era mulato...

A seguir fui nascendo à medida das circunstâncias impostas pelos outros.

Quando meu pai foi de vez, tive outro pai: o seu irmão.

E a partir de cada nascimento eu tinha a felicidade de ver um problema a menos e um dilema a mais. Por isso, muito cedo, a terra natal em termos de Pátria e de opção. Quando a minha mãe foi de vez, outra mãe: Moçambique.

A opção por causa do meu pai branco e da minha mãe negra.

Nasci ainda mais uma vez no jornal *O Brado Africano*. No mesmo em que também nasceram Rui de Noronha e Noémia de Sousa.

Muito desporto marcou-me o corpo e o espírito. Esforço, competição, vitória e derrota, sacrifício até à exaustão. Temperado por tudo isso.

Talvez por causa do meu pai, mais agnóstico do que ateu. Talvez por causa do meu pai, encontrando no Amor a sublimação de tudo. Mesmo da Pátria. Ou antes: principalmente da Pátria. Por causa de minha mãe, só resignação.

Uma luta incessante comigo próprio. Autodidacta.

Minha grande aventura: ser pai. Depois, eu casado. Mas casado quando quis. E como quis.

Escrever poemas, o meu refúgio, o meu País também. Uma necessidade angustiosa e urgente de ser cidadão desse País, muitas vezes altas horas da noite¹.

Suas palavras, na verdade, vêm confirmar alguns dados inscritos em sua poesia desde o início, pois no itinerário de seus poemas pode-se seguir a linha definidora de suas opções. Entre elas, como a mais forte, o ser poeta de Moçambique e em Moçambique, antes mesmo a sua idéia de país se tornasse realidade.

Autodidacta, José Craveirinha abraça o jornalismo como profissão, tendo se iniciado n' *O Brado Africano*, um dos primeiros jornais moçambicanos dirigidos por negros e mestiços assimilados e com uma linha editorial nativista². Além d' *O Brado Africano*, Craveirinha também trabalhou nos diários *Notícias* e *Tribuna*, ao mesmo tempo que mantinha colaboração em forma de crónica e ensaio nos jornais *Notícias da Tarde*, *Voz de Moçambique*, *Notícias da Beira*, *Diário de Moçambique* e *Voz Africana*.

A partir dos anos 50, passa a desempenhar um papel de relevo na vida da Associação Africana, agremiação de carácter nativista inicialmente designada Grémio Africano, tendo chegado a ser Presidente da sua Direcção. Nos anos 60 fará parte do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de

¹ Em MENDONÇA, Fátima e SAÚTE, Nelson. *Antologia da nova poesia moçambicana*. AEMO, 1989, p.viii-x.

² *O Brado Africano* (1918-1974) é sucessor d' *O Africano* que, surgido em 1908 com um único número "de propaganda a favor da instrução", inicia a sua publicação regular no ano seguinte, sob a direcção de João e José Albasini. Em 1918 os irmãos Albasini vendem *O Africano* e fundam, juntamente com Estácio Dias e o dr. Karel Pott, *O Brado Africano*. Estes jornais são os primeiros a serem redigidos por negros e mestiços assimilados, em Moçambique, e dirigidos especialmente às populações locais, inaugurando desse modo a fase da imprensa nativista em Moçambique, sendo publicados em português e em ronga (língua banta local). De 1919-1920 *O Brado Africano* é editado, também, em inglês.

Moçambique, do Centro Associativo dos Negros da Colónia, organismo onde se reuniam os jovens nacionalistas que mais tarde se tornariam no motor do processo que levou à independência de Moçambique. Dada a sua ligação com actividades políticas e, particularmente, por fazer parte de uma célula da 4ª Região Político-Militar da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), José Craveirinha é preso pela polícia política portuguesa, a PIDE/DGS, tendo permanecido encarcerado de 1965 a 1969.

Figura tutelar da poesia moçambicana, não se furtou a desempenhar algumas tarefas institucionais após a independência de seu país, ocupando lugares em associações comprometidas com a dinamização cultural. Desse modo, é eleito primeiro Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, constituída em 1982, cargo que ocupou até 1987; em 1979 é escolhido para Membro Permanente do Júri do Prémio Lotus pela VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, realizada em Luanda, Angola.

José Craveirinha consta de praticamente todas as antologias dedicadas a poetas africanos de língua portuguesa ou a poetas moçambicanos, tendo publicados, até ao presente, os seguintes livros:

- *Chigubo*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1964 (com treze poemas); a 2ª Edição foi rebatizada *Xigubo*, com vinte e um poemas (Maputo: INLD, 1980).
- *Cantico a un dio di catrane*. Milano: Lerici, 1966. Edição bilingue com tradução e prefácio de Joyce Lussu.
- *Karingana ua karingana*. Lourenço Marques: Académica, 1974. 2ª Edição, Maputo: INLD, 1982. 3ª Edição, Maputo: AEMO, 1996.
- *Cela 1*. Maputo: INLD, 1980.
- *Izbrannoe*. Moskva: Molodaya Gvardiya, 1984.
- *Maria*. Lisboa: ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), 1988.
- *Babalaze das hienas*. Maputo: AEMO, 1996.
- *Hamina e outros contos*. Maputo: Ndjira, 1997.
- *Maria*. Vol.2. Maputo: Ndjira, 1998.

Com abundante colaboração dispersa na imprensa, além de vários textos inéditos, a obra de José Craveirinha é reconhecida pelos círculos literá-

rios de língua portuguesa. Em 1991 o reconhecimento chegou-lhe na forma do Prémio Camões a ele concedido por um júri composto por especialistas do Brasil e de Portugal. Sendo o mais destacado no âmbito do universo cultural em que sua obra circula, este prémio deve ser somado a outros já recebidos como :

- “Vida literária”, da Associação dos Escritores de Moçambique, em 1998.
- “Medalha de Mérito” da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1987.
- “Medalha Nachingwea”, 1985.
- “Prémio Lotus”, da Associação dos Escritores Afro-Asiáticos, 1983.
- “Medalha de Ouro da Comuna de Concesio” (Brescia), 1975.
- “Prémio Nacional de Poesia de Itália”, 1975.
- “Prémio Alexandre Dáskalos” da Casa dos Estudantes do Império, 1962.
- “Prémio de Ensaio” do Centro de Cultura e Arte da Beira, 1961.
- “Prémio Reinaldo Ferreira” do Centro de Cultura e Arte da Beira, 1961.
- “Prémio Cidade de Lourenço Marques”, 1959.

Actualmente vice-Presidente do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, José Craveirinha foi agraciado com a “Ordem Amizade e Paz” pelo Presidente da República de Moçambique, Joaquim Chissano. No decreto presidencial estava assinalada sua significativa contribuição “para a libertação dos povos, o reconhecimento dos Direitos do Homem, o respeito das liberdades democráticas e a eliminação de todas as formas de opressão e humilhação”.

Mantendo o compromisso assumido com a sua poesia e com a terra em que nasceu e permanece vivendo, José Craveirinha completou, em 28 de maio de 2002, 80 anos de vida, fato que merece dos leitores de todo universo de língua portuguesa um ato de celebração. Em sua homenagem e, sobretudo, em homenagem à literatura que tem sido parte essencial de seu itinerário, a Via Atlântica abre espaço para o dossiê que ocupa as próximas páginas.

